

# Crianças e Amigos “Invisíveis”

Marcelo Henrique (\*)

O segmento artístico é pródigo em apresentar, de tempos em tempos, produções que ressaltam temas espirituais. Quem não se lembra de “O céu pode esperar”, “Ghost – Do outro lado da vida”, “Os outros”, entre tantos títulos? E, no âmbito nacional, seriados, mini-séries e novelas com a descrição de fenômenos ou acontecimentos de teor espiritual? Mais recentemente, uma trama em horário nobre mostrava diálogos entre uma criança de 6/7 anos de idade e um ser espiritual (descrito como um anjo)... Quem não se lembra? O enredo, inclusive, envolvia aspectos premonitórios, pois o “anjo” lhe informou que aconteceria uma morte.

Aproveitamos o assunto para focar as relações entre as crianças e os tais amigos “invisíveis”. Quem de nós já não presenciou tais fatos? Quem de nós já não teve, bem proximamente, uma criança que “falava” com tais amiguinhos? Qual nossa reação e nosso raciocínio, em relação a isto? Como explicar, à luz da lógica espírita, tais acontecimentos e situações?

Inicialmente, faz-se necessário entender o contexto e separar o tópico em dois grupos de análise. Um, relacionado ao mundo do imaginário, e, outro, centrado nas relações espirituais entre “vivos e mortos”.

No primeiro plano, tem-se que a infância é um período de extrema facilidade para o campo fértil da imaginação do ser espiritual. Se, comumente, dizemos que o homem é um ser sonhador por excelência, tanto no sentido dos desejos e fantasias quanto das projeções e sonhos, na época infante, pela ausência de grandes responsabilidades e “graves” compromissos, o espírito se encontra mais propenso ao potencial criativo e fantasioso. Deste modo, ao presenciar uma criança brincando no chão da sala, enquanto assistimos televisão, é perfeitamente possível e aceitável que vejamos ela “dialogar”, conversando consigo mesma e com algum “amigo invisível”. Escutando as “conversas”, certamente nós adultos devemos rir dos “enredos”, isto é, daquilo que a criança fala. Cenários, situações, objetos, personagens, muitos egressos de gibis, programas ou desenhos de televisão, heróis, mocinhos e bandidos, fadas, rainhas e princesas, cavaleiros ou homens do espaço... Todos egressos do plano fértil da mente infantil, graças ao enorme potencial criativo do ser espiritual.

À medida que vamos crescendo, em fases de adolescência e juventude, e, até mesmo, na idade adulta, também temos nossos sonhos e imaginações. Aquela modelo ou o galã-artista de novelas, o automóvel importado, a lancha, o iate, o apartamento em frente à mais badalada praia... Muitos de nossos desejos são apenas arroubos de nossas projeções mentais, sendo impossível, pelas próprias nuances da vida, alcançá-los, por mais que nos esforcemos, em razão de nossas próprias limitações. Outros – ou para outras pessoas – acabam decorrendo de uma vida de esforços e desafios, nos quais a persistência, a tenacidade, a capacidade e o foco centrado são os componentes do sucesso.

Diríamos: “quando a alma sonha, o espírito voa!”

No segundo plano, que tem como exemplo característico a cena de novela descrita nas linhas iniciais deste ensaio, verifica-se a presença efetiva de espíritos em nossas vidas, não somente na infância, como nas demais idades. E, como aprendemos na filosofia espírita, a questão essencial é a sintonia, porque os espíritos “bons” ou “maus” estão por toda a parte, encarnados ou desencarnados, e vêm em nossa direção a partir dos “comandos” ou “convites” que lhes façamos. Há muito tempo atrás, quando estudávamos num grupo de estudo sistematizado sobre “a influência dos espíritos em nossas vidas”, um dos assuntos levou aos “guias e mentores” e, conforme minha memória registra, foi declarado que tais permanecem

conosco "vinte e quatro horas por dia", só se afastando quando "cedemos" as "más inclinações", quando eles, por não poderem modificar nossas decisões ou alterar nossos atos, apenas nos observam. Veja-se, assim, que aqueles aos quais o Pai "nos confiou", enquanto zelosos por nosso "sucesso", não interferem em nossa liberdade de agir (livre-arbítrio), e, de certa forma, são "responsáveis" pelos resultados (positivos e negativos) que venhamos a experimentar, na vida, porque conseguiram (ou não) exercer a boa influência sobre nós, direcionando-nos, através de convites e sugestões mentais, para o melhor aproveitamento desta experiência encarnatória.

Voltando à questão específica das crianças, entendo que podemos classificar os espíritos que delas se aproximam em variados "grupos": 1) os parentes e conhecidos, já desencarnados; 2) os guias e mentores; 3) os "amiguinhos", de aparência infantil; e, 4) as crianças desencarnadas, que, ainda no estágio pós-morte, permanecem num estado tal de perturbação, que insistem em permanecer na Terra, como se encarnados estivessem. Esta "classificação", contudo, nada tem de absoluta, taxativa e nem é conclusiva, mas oferecemos, com certeza, algumas explicações racionais sobre os fatos ao nosso redor.

No grupo 1, é comum a criança falar do avô, de uma tia, de um irmão, ou alguém que, mesmo não sendo parente consanguíneo ou afim, gozava de certa proximidade com ela, e que, após a sua morte, "retorna" para conversar com a criança, pelo afeto que lhe nutria, e pelo desejo de lhe fazer o bem.

No que tange ao grupo 2, os guias e mentores, pela "missão" de nos acompanhar por toda a vida, interessam-se pelos "assuntos" e "gostos" da criança, aproveitando o ensejo de uma brincadeira ou situação, para infundir orientações, sobretudo àquelas direcionadas a "respeitar e obedecer aos pais".

Em se tratando de "amiguinhos" de aparência infantil (grupo 3), a possibilidade de "assumir qualquer roupa", espiritualmente falando, favorece que os mesmos possam "se passar" por crianças, para incutirem boas lições aos infantes, auxiliando no processo de despertar espiritual em mais uma experiência encarnatória, assim como, em qualquer das fases da vida, constituem-se como bons amigos a nos fornecer informações ou conselhos úteis.

Finalmente, no grupo 4, as crianças que morrem em tenra idade e em circunstâncias dolorosas ou violentas podem estar sujeitas a um processo de maior perturbação e, conforme o grau desta, podem, em sensações de medo e desespero, procurar a companhia de "outras" crianças – estas, vivas – para brincadeiras ou por estarem solitárias, desejando companhia. Outras, também, já se deram conta de que estão "mortas", mas ainda não se conscientizaram de que precisam continuar o curso evolutivo, no Plano Espiritual e, principalmente, no preparo para uma nova encarnação, e ficam por aqui, tais quais aqueles espíritos que permanecem nos cemitérios ou em outros locais, recalcitrantes quanto à necessidade de "tomarem o curso" de suas vidas.

Em todas as situações, nossa postura deve ser a da mais absoluta tranquilidade, uma vez que a relação entre encarnados e desencarnados faz parte do próprio contexto evolutivo de cada ser. Estamos, sempre, rodeados de espíritos, acreditemos neles ou não, sendo espíritos ou não. Ao percebermos as "conversas" de crianças com o "nada", tenhamos serenidade e procuremos "entender" o processo, visando certificar-nos, se for o caso, de qual situação – das descritas acima – realmente está ocorrendo, se for do nosso interesse a descoberta.

Embora seja possível, em alguns dos grupos acima, a aproximação de espíritos de má índole, os casos observados ou relatados, assim como a possibilidade do exercício mediúnico, para o "acompanhamento" de algumas

crianças a pedido dos pais, geralmente a presença espiritual é positiva ou inofensiva, porque os seres dos grupos 1 e 2 procuram proteger as crianças das más influências, nesta fase.

Aos pais e parentes mais próximos, recomenda-se, ainda, o diálogo com a criança, sem interrogatórios ou curiosidade excessiva, mas, procurando "entrar" na história, participar do contexto, para perceber, na naturalidade da conversa, quais os "personagens" que efetivamente acham-se presentes junto à criança.

Como se tratam de coisas naturais, quanto maior for a naturalidade com que encaremos tais acontecimentos, menos a criança e nós, adultos, ficaremos assustados ou "com medo". Afinal, em termos de envolvimento espiritual, os laços que nos ligam aos espíritos (encarnados ou desencarnados) não são rompidos em razão da alteração de nosso estado vivencial (na carne ou fora dela). Pelo contrário, se fortalecem e perduram. Eis a lição espírita, para nós e para nossos filhos!

(\*) Diretor de Política e Metodologias de Comunicação, da Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo ([www.abrade.com.br](http://www.abrade.com.br)) e Secretário para a Promoção da Juventude e Delegado Regional da Confederação Espírita Pan-Americana ([www.cepanet.org](http://www.cepanet.org))